

O rombo da Previdência Social atingiu R\$ 40 bilhões no acumulado de janeiro a novembro. Apesar de o déficit ser 30,5% acima do mesmo período de 2005, deve fechar o ano abaixo das previsões iniciais do governo, que esperava um buraco de R\$ 50 bilhões em 2006. Para o secretário de Previdência do Ministério de Previdência Social, Helmut Schwärzer, o déficit deste ano deverá ser de R\$ 42,4 bilhões.

POLÊMICA ■ Mantega defende menos rigor na política monetária e Meirelles revida

Novo choque entre BC e Fazenda

Daniel Pereira e
Fernando Exman

■ BRASÍLIA. Se depender da harmonia entre integrantes do governo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva terá dificuldade para destravar a economia. Ontem, o presidente do Banco Central (BC), Henrique Meirelles, disse que a atual política monetária tem gerado resultados positivos, sobretudo no controle da inflação. E deu a entender, em audiência na Câmara, que não haverá mudança de rota.

Já o ministro da Fazenda, Guido Mantega, foi enfático no plenário do Senado, onde participou de uma audiência.

— Há espaço para flexibilizar a política monetária — declarou.

O embate não é novo e tende a continuar no segundo mandato. Tem os ditos desenvolvimentistas no ataque, responsabilizando as taxas de juros fixadas pelos monetaristas pelo crescimento médio de cerca de 2,5% ao ano no primeiro mandato de Lula.

— Como a inflação está sob controle, há espaço para que a taxa de juros continue caindo e o crédito, aumentando — disse Mantega.

Segundo o ministro, não haverá mudança no controle da inflação até 2008. Mas, como a inflação está próxima de 3%, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central tem condições de continuar — e até mesmo acelerar — o processo de redução da taxa básica de juros (Selic), hoje em 13,25% ao ano. O ritmo atual de corte da Selic é de 0,5 ponto. Na última reunião, no entanto, houve integrantes do colegiado que defenderam baixa mais moderada, de 0,25 ponto percentual.

Para Mantega, a Selic cada vez menor e o aumento das reservas internacionais do Brasil — hoje de cerca de US\$ 85 bilhões — terão efeito positivo também sobre o real, reduzindo a valorização sobre o dólar.

A desvalorização da moeda nacional é reclamada por exportadores e setores como têxtil e calçados.

— Não pretendemos afrouxar a política monetária, mas flexibilizá-la. A meta de inflação é adequada para conciliar uma taxa de juro não tão severa e um crescimento maior — declarou Mantega à tarde.

De manhã, Meirelles elogiou a política monetária que conduz. Além disso, afirmou que só o controle da inflação garantirá a estabilidade da economia e a redução da taxa de juros.

— A ousadia tem que se dar no controle da inflação — disse o presidente do Banco Central. — Há certo engano em pensar que se pode crescer inflacionando.

Parlamentares da bancada governista não atearam o tradi-

Corte de juros na próxima reunião do Copom já divide governo e parlamentares

cional fogo-amigo em Meirelles. Demonstraram, entretanto, preocupação com as perspectivas econômicas do país. Citando trechos da ata da última reunião do Copom, o senador Eduardo Suplicy (PT-SP) declarou estar apreensivo com a possibilidade de o colegiado reduzir o ritmo da queda da taxa de juros no próximo ano. Já o líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio (AM), minimizou a importância da discussão.

O senador afirmou que os juros não são o principal nó a ser desatado na área econômica, mas os gastos públicos. A oposição na Câmara foi mais agressiva a Meirelles. O deputado Luiz Carlos Hauly (PR), por exemplo, acusou a política econômica do governo Lula de aumentar a concentração de renda no país.

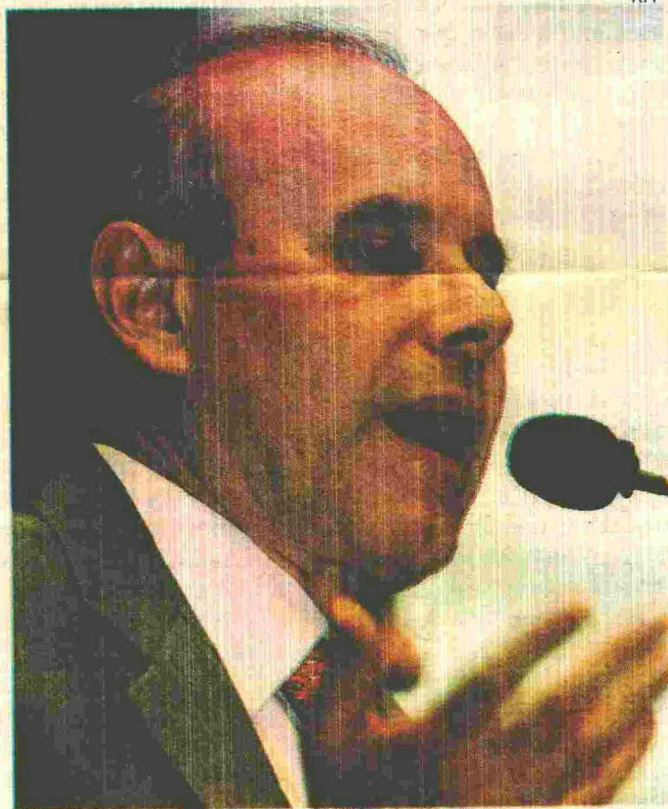
■ Leia e opine no JB Online.
www.jb.com.br/24 horas



REUTERS

“A grande contribuição do BC ao crescimento é a estabilidade de preços

Henrique Meirelles, presidente do Banco Central



AFP

“Há espaço para flexibilizar a política monetária

Guido Mantega, ministro da Fazenda